

## José Carlos Limeira

### Textos selecionados

#### Quissange

Um leve som de quissange  
Varando a varanda fluindo  
Rara beleza, perfeito som  
Visão noturna, madrugada furtiva  
Dança de desejos  
Guardados ardis  
Poucos toques, beijos  
Sem outonos, primaveris  
Nós dois sem dilema  
Você moça de Angola, Benin  
Eu com calma de griot  
Vou fazer meu melhor poema  
E guardar todos os incensos, marfim  
Lábios e sonhos  
Prova cabal de que a África é aqui.

(*Encantadas*, p. 28)

#### Negra I

Negra, negra  
O que fizeram não se perdoa  
Mas você, ainda assim, me acolhia  
No seu colo.  
Quando a noite nos escondia  
Na sua cálida placenta  
E te roubaram o fruto ainda verde  
Para servir na roça  
E te rasgaram na senzala  
E ainda assim me dá a mão  
E te quero minha  
E te quero toda  
Pois, somos um só  
Pra juntos começarmos de novo  
E de novo tudo  
Só que agora com cores bem diferentes.

(*Encantadas*, p. 107)

## Tanclau

*(Ou de como o negão descolou hospedagem dos Federais)*

Para início de conversa, o caso que vou contar não será mera coincidência com fatos do real que teimamos em dizer que é vida.

Já se vão alguns anos desde que encontrei no IPCN, numa daquelas reuniões, um rapaz chamado Tanclau. Fiquei pensando qual seria a origem do nome, bem falante, simpático, fizemos amizade e quase fundamos, depois de muito papo sobre afro-blocos, o que não chegou a ser o Afoxé Leí.

Tanclau era compositor e também atendia pelo nome de Armandinho. Naquela época o IPCN, um dos poucos movimentos negros que tinham sede própria, andava muito cheio, inclusive de alguns militantes sem pouso que lá descolavam um teto.

De profissão regular, nosso herói era cozinheiro de um hospital próximo e desenvolvia uma prática de militância legítima, facilitando o almoço da rapaziada que vivia a perigo. Diariamente, nos horários de almoço e jantar, ajeitava as coisas de modo que a moçada entrava na cozinha do hospital (pelos fundos) e defendia a boia.

Na verdade, Tanclau tinha uma solução para cada caso. Polivalente, além de cozinhar, nos feriados e domingos guardava automóveis, lavava e polia por um preço módico, batia um couro na Mangueira, de sobra fazia uns sambinhas que arrendava para blocos do sexto e sétimo grupo. Em suma, era, como diria Gonzaguinha, um malabarista da sorte, equilibrista da dor.

Esse papo todo é para nos situar no que ocorreu em Salvador, segundo confissão do próprio, nos idos de setenta e seis, e que veio resultar no batismo africano.

Naquela época, obscura para o contexto geral, vivia-se o "milagre" (que resultou nas inflações da vida), e o solo pátrio abrigava, com desmedida falta de pudor, torturados, torturadores e presos políticos nos mais diferentes rincões.

Tanclau andava no Mercado Modelo defendendo uns cobres com a venda de fitas do Bonfim, jogando capoeira para turista, dando uma de guia, entre outras malabarices da sorte e equilibrices de sobrevivência. De carteira assinada, só mesmo como compositor de Bloco Afro (a polícia não aceitava), fazia três anos. O Ilê Aiyê tinha nascido e inaugurado a revolução ijexá no carnaval e no comportamento de consciência que podemos ver na Bahia.

Num certo dia, temporada de verão, Salvador pululante de gringos, profetas, vampiros, hippies e poetas, a briososa Polícia Civil resolve "sanear" as áreas em torno do Mercado Modelo, onde os turistas se concentravam e, logicamente, as empresas de turismo recolhiam suas largas divisas.

Imaginem o clima de uma "blitz" na Praça Cairu. Critérios: se não fosse gringo, não tivesse carteira assinada ou terno e gravata, cana!

Nessa, Tanclau, crioulo de muitas convicções, vestido de bata africana e sem carteira nenhuma, dançou!

Tanclau havia trabalhado no Porto, trabalhado, digo, uma calça Lee para lá, um perfuminho para cá, isqueirinhos, radinhos de pilha e toda sorte de bugigangas contrabandeadas que as pessoas compram, às vezes sem saber para quê. Para exercer o nobre ofício de moambeiro, Tanclau, eclético como sempre, aprendeu com os colegas aquele inglês de beira de cais, que praticava com os embarcações das mais diferentes nacionalidades, vindo a se tornar até intérprete quando surgia produto novo ou desconhecido do vocabulário da região.

Aí, justo aí, os tiras dançaram!

– Documentos?

– I don't understand you, sir.

– É gringo?

– Pardon?

– Gringo preto? Só pode ser africano!

O chefe da operação, informado da presença, nas proximidades da viatura, de um gringo crioulo e não acreditando na existência de tal fenômeno, estanca em frente de Tanclau, com seu traje afro e ar de quem não está entendendo chongas.

– Africano?

– Yes, sir.

– Passaporte?

– I lost it, sir...

– Putz!

Tanclau explicou, com gestos e pondo os bolsos para fora, que não tinha nada.

– Gringo sem documentos vai para a Polícia Federal!

E assim foi.

Transferido o problema do "africano" sem passaporte para a esfera da Polícia Federal, encontrava-se Tanclau, com todas as honras que no solo pátrio damos aos não falantes da nossa língua (lembrem-se do Biggs?), frente ao coronel-chefe da Divisão Baiana dos Federais que, no fundo não era muito versado em inglês, muito menos em iorubá (língua para a qual nosso herói volta e meia apelava).

– Vou chamar o professor do Centro de Estudos Afro-Asiáticos para localizar a origem desse negão e ver o que fazemos para mandá-lo de volta.

Tanclau, a essa altura, já se via embarcando para qualquer país africano o que, na verdade, sempre foi seu sonho escondido: ver a terra dos avós.

Quando o tal professor chegou, correu-lhe um suor geladinho pela espinha: – E agora?

O professor pergunta:

– Where are you coming from?

– La Kara, sir.

– La Kara?

– Yes, sir, a region of Togo.

– Oh! Togo, beautiful country!

O professor fala ao coronel: – É africano mesmo!

Tanclau não explodiu de rir na hora por motivos óbvios relaxou a tensão. Afinal, sua mentira tinha colado.

Do modo que puderam se entender, Tanclau contou ter sido roubado e que se encontrava sem passaporte, sem dinheiro e, o pior, sem navio. Quase me esquecia a história do navio: havia aportado em Salvador uma embarcação de bandeira togolesa na semana anterior aos fatos agora relatados. De um dos tripulantes da mesma, nosso amigo tinha comprado umas calças para revender. Contou então que perdera a embarcação da qual seria um dos passageiros. Constatado na lista de atracação do porto o tal navio, ficou tudo confirmado e o coronel se deu por satisfeito. O álibi estava perfeito!

E como acomodar o "africano"?

O único jeito era alojá-lo nas instalações do Departamento de Polícia Federal. Afinal, se improvisada uma cela especiais, não chegaria a um apartamento, mas quebraria um galho.

Lá estava Tanclau, casa, comida, algumas roupas gentilmente doadas por agentes e, o melhor, uma possível viagem para a África.

Mas, azar quando ataca não há santo que tire. Azar de crioulo, então, só acaba depois de sete luas. Estava tudo correndo muito bem. Tanclau morando há duas semanas no quartel dos tiras, com livre trânsito de entrada e saída, vizinho de cela de um preso político muito simpático quando numa noite infeliz, depois de comer um mocotó: sono pesado e sonho! Sonhou, e alto! Falou, praguejou, se bateu, berrou, riu, e o pior, tudinho em português, aquele português safado, amalandrado, cheio de gírias e etecéteras! Não deu outra, o vizinho (o tal preso político) ouviu tudo e, entre meio pasmo e gozador, decidiu sacanear os tiras. Não se sabe bem como, mas o tal preso tinha lá seus contatos externos, e foi a conta! No dia seguinte ao miserável sonho, oito da manhã em ponto, nosso herói foi acordado por um batalhão de repórteres e fotógrafos, que tiveram acesso ao departamento calçados na história de entrevistar um possível líder africano.

*A Tarde*, entre outros diários, deu a manchete, em letras garrafais:

"Polícia Federal cai no 'Conto do Africano'".

Claro que nosso amigo não resistiu ao tiroteio de perguntas do pessoal da imprensa e entregou tudo tintim por tintim.

Com aquela, o arrogante coronel-diretor da Divisão Baiana não contava! Estava "secretariável" junto governo do Estado, promessa séria do governador, e logo assumiria a pasta da Segurança. Ser enrolado pelo negão? Era demais!

Dar sumiço no tal (na época era muito comum) daria muito na pinta, uma vez que a imprensa em peso interessou-se pela matéria.

Transferiu de imediato seu hóspede para a delegacia de Jogos e Costumes, agora na qualidade de preso especial. Pior a emenda que o soneto!

Diariamente, os noticiários acompanhavam o caso e Tanclau passou até a dar entrevistas coletivas, apurando volta e meia uma grana "a título de algumas declarações exclusivas" de como enrolou a tão competente instituição, de suas artimanhas anteriores, de suas pretensões futuras e tudo mais que causa a sensação num caso assim.

Ficou menos de uma semana na tal delegacia.

"Forças ocultas" contrataram para o agora acusado dois excelentes advogados que impetraram "habeas corpus" pela condição de primário do nosso amigo. Posteriormente, Tanclau soube ter sido o próprio coronel que queria dar um fim ao caso e garantir sua já comprometida nomeação.

Quando deixou a delegacia, um carro o aguardava e foi levado por três acompanhantes misteriosos à presença do tal coronel:

– Seu crioulo filho de uma digníssima dama, para que lugar do Brasil você quer se pirulitar agora para não levar um couro de ficar manco?

– Bem, doutor, desculpe, para o Rio de Janeiro eu topo ir.

– Mas você vai tear calado, seu sacana?

– Claro, doutor, desculpe, coronel, afinal de contas burro é uma coisa que não sou!

– Muito bem, vou te dar uma passagem agora mesmo e você vai embarcar no próximo ônibus.

Ganhou a tal passagem, chorou mais uma graninha pra viagem, juntou seus panos e se mandou (foi escoltado até a rodoviária!).

Usa o nome de Tanclau até hoje, digo hoje porque não o vejo faz algum tempo, ou melhor, na semana passada cruzei com um negão cheio de terno e colete, em altos papos com um sujeito com pinta de barão. O negão era a cara do Tanclau.

Não é por nada, mas decidi conter esse caso e, volta meia, dar uma olhadinha nas colunas sociais. No meio dessa crise, grana difícil do jeito que anda e se levando em conta a versatilidade de Tanclau, nunca se sabe...

*Nossos malungos têm artes  
que não se aprendem na escola  
por isso aprendemos bem cedo  
pouquinho depois de nascer  
a rir da miséria e do medo  
e resistir, sobreviver.*

(*Cadernos Negros: os melhores contos, p. 85-92*)

### **Zumbi...dos**

Daqui de onde estou,  
Ouço os primeiros ruídos.  
Abafados, subterrâneos,  
Como os sussurros cuidadosos,  
Por meus avós também ouvidos.  
Da nova gente que surge,  
Com a coragem de herança,  
Legadas por Zumbi,  
Quase esquecida pela força,  
Quase sangrada pelas alegorias,  
Quase morta pelos passos na avenida.  
Daqui de onde estou,  
Sussurro também cauteloso,  
Para despertar outros ouvidos,  
E destravar outras bocas,  
Para sussurrarmos todos um dia,  
E fazermos um barulho,  
Que será tal,  
Que se transformará,  
Em fala!  
E das falas virão os gritos,  
Não de dor, mas de vitória,  
Como são vitoriosos os sussurros,  
De nossa gente agora,  
Pois estão acordados,  
Para dizer,  
Com a força de Ganga Zumba  
E a altivez de X:  
Que somos!  
Faremos!  
Bem alto!  
Como as torres de Palmares.

(*O arco-íris negro, p.64*)

### Meu Sonho Não Faz Silêncio

Meu sonho jamais faz silêncio  
E a ninguém caberá calá-lo  
Trago-o como herança que me mantém desperto  
Como esta cor não traduzida em versos  
Pois se fariam necessários muitos e tantos versos

Meu sonho vara madrugadas  
Som alto  
De timbales que se arrebetam em cânticos  
E trago-o como Olorum na crença  
Que não me pune em pecados  
Mas  
Enche-me o peito grávido de esperanças  
Como malungos marcando ao sol de novembro  
Subindo as serras  
Defesa e guerra

Meu sonho jamais faz silêncio  
É a lança brilhante de Zumbi  
A espada de Ogum  
É o ê, o rumpi, é o rum  
É a fúria sem arreios  
Terra farta dos anseios  
Desacato, ato, sem freios

Vôo livre da águia que não cansa  
Me faz erê, me faz criança

Meu sonho jamais faz silêncio  
É um griot velho que me conta as lendas  
De onde fisga tantas lembranças  
E com ele invado chats, pages, sites  
Na intimidade de corpos em dança  
Perpetuando o gosto pelo correto  
Meu sonho é pura herança  
Rastro  
Dos que plantaram, lutaram, construíram  
O que não usufruo  
Areia que moldada em vaso  
Onde não nos cabe culpas  
É lúcido ao sol dos trópicos, charqueada ao frio  
É como um fio

Grita alto e bom som  
Que o seio do amanhã nos pertence  
Carregamos toda pressa

Meu sonho não faz silêncio  
E não é apenas promessa

Planta em mim mesmo, na alma  
Palmares, Palmares, Palmares  
Pelo que de belo, pelo que de farto  
Muitos Palmares

Carrega como o vento escritos  
Versos de Jônatas, Oliveira, Colina, Semog e Cuti  
Alimenta e nutre  
Lembrando que esta cor me mantém desperto  
E não tenho sustos

Sentinela que tange o eterno quissange  
Entende a volúpia do calor que me abriga  
Desfaz a mentira, destruindo a intriga

Meu sonho jamais faz silêncio  
Como um Ilê Aiyê acordando a liberdade  
Descobrimo amante ávido o sexo pulsante da existência  
Desejo de navegar todos os mares  
Comandando todas as fragatas, naves

E nos lança em um solo de Miles  
Nos recria em um solo de Coltrane  
Clássico como Marsalis, Jazz como Marsalis

E que nem tentem que faça silêncio  
Pois voltaria gritando em um texto de Sohiynka  
às que completa a trinca  
Torna-se um canto de Ella, Graça, Guiguio, Lecy  
Gente negra, gente negra  
Jamelão, mangueira  
Brilho da mais brilhante estrela  
Nunca se estanca, bravo se retraduz em sina

Só não lhe cabem  
Crianças arrancadas da escola  
Pela fome que rasga gargantas  
E nos promete vê-las  
Alimentadas todas, cultas  
Meu sonho é uma negra criança  
Que luta

Ergue Quilombos, aqui, ali  
Em cada mente, em cada face  
Impávidos como Palmares, impávidos Ilês  
Em todos os lugares

Meu sonho não faz silêncio  
Porque feito de lida  
Teimoso como esta cor  
Para sempre será desperto e certo  
Mais que vivo, é a própria vida.

(*Negras intenções*, p. 65-67)

### Águas do Paraguassu

As águas do velho Paraguassu  
São Abebes, espelhos, luzes profundas  
Donde emergem perfeitas, belas  
Kayalas e Dandalundas  
E vão todas elas ao Rumpayme Ayono Runtoloji  
No fim da tarde, quando é mais suave a brisa  
Para conversar, sem alarde, com Gaiacu Luíza.

Lembram das velhas de línguas trocadas  
Capazes de paralisar jovens,  
Estendendo-os nas calçadas, gelados ate os ossos  
Pelo desrespeito para com seus lábios grossos.

As águas do velho Paraguassu  
Testemunha de tantas magias  
Lavam-se de tantas mágoas, águas de alegrias  
Fazem renascer em cada um de nós  
Guerreiros, Rainhas, Amantes, Feiticeiros  
Mães e Filhos de Santos.

São tanto assim de poesia, que nos fazem crer  
Cada vez mais nas promessas  
Nas lanças, nos cantos das festas  
As águas do velho Parágua reconstroem a herança  
Perpetuam ensejos, refazem esperanças  
Regam Áfricas inteiras permanentes nestas terras  
Descartam tênues fronteiras, pretextos e guerras.

As águas porque são águas, fluidos sem tormentas  
Dançam entre otás as danças dos ventos  
Os ventos aos sopros, todos abraços  
Entram pelo ori, chamados pelos toques  
Vivos em seus passos de Angola, Ketu, Jeje, Nagô  
Inquices de qualquer nação  
Voduns, fartos, enchentes  
Orixás, vertentes, todos nossos de coração.

Águas que me fazem retomar as canoas dos acertos  
Atrever-me, opondo-me aos preconceitos  
Entendendo Iroko, árvore, ele mesmo sua morada  
Branca Gameleira.  
E cuidar das ferramentas, dormir nas esteiras  
Saber de peixes, ouro, estrelas, aconchego e Ojás  
Simples como chão de terra batido  
Como simples são os sentidos

Como simples são iniquices, Voduns e Orixás.

Águas, seculares águas sobre nossas cabeças  
Bênçãos, Agôs, Mucuius, Colofés  
Como nos cobre de bênçãos nossa Mãe  
Quando subimos ou descemos ao mundo  
Do alto da Levada  
Bênçãos em todas as línguas, todas as estradas  
Ewe, Fon, Gun, Quimbundo, Ioruba, Mahi,  
Quicongo  
Umbundo  
E nos faz atrevidos...  
Sabemos vodunces, iaôs, muzenzas  
Em todos os sentidos  
Iansã é oya, Dandalunda é Oxum  
Xangô é Sobô, Jeje é Nagô  
Angola é Ijexá

Somos, pois, um só povo  
Para aprender todos os toques em todos os cantos  
E queremos ver-nos dançando  
Em todos os terreiros, para todos os santos  
E vamos além deste sonho menino  
Fazer o mais correto pelas Águas que protegem  
Das dores, desatinos, e nos preparam, nos regem  
Para viver todo Rito, celebrar o planeta e a vida  
Cumprindo nossos destinos.

(*Cadernos Negros* 25, p. 94-96)

### **Maio**

Quero ler na noite, cor, irmão  
o rosto dos irmãos, braços, peitos  
todos lindos, nus, descendo todas  
as colinas, transpondo barreiras  
se espalhando na semelhante  
marca serpente do asfalto.

Quero ver colares, gritos, danças  
e assumir como vestido agora  
o manto brilhante do que vem,  
o ato, o desacato, a consciência,  
e descobrir depois de tudo a luta pela  
felicidade interior de ser negro.

(*O arco-iris negro*, p.41)

### **Entradas e Serviços**

(Para Milton Nascimento)

Quando eles chegaram  
eu estava absorto  
no meu tempo  
trabalhando ferro,  
plantando,  
fazendo  
minhas próprias guerras.

Tinha as portas abertas  
pois pouco sabia deles  
entraram com suas armas  
me tiraram da cama  
justo quando descansava.

Me puseram correntes  
e caminhei  
os mares  
no ventre fétido  
de grandes barcos.

Cheguei em terras  
que haviam tomado de outros  
fiz tudo por aqui  
enquanto eles  
de braços cruzados,  
bebiam meu suor.

Seu tédio era tão grande  
que ainda lhes dei  
chula, samba, mambo  
blues, rumba, calipso  
jazz  
para vê-los, pelo menos  
mexer suas carcaças inertes.

Hoje vendo esse passado  
posso, devo dizer  
não.  
Estou mais do que farto  
de entrar pela porta dos fundos.

*(Atabaques, p. 15)*

### **Quilombos**

(para Abdias Nascimento e Lélia Gonzales)

queria ver você negro  
negro queria te ver  
se Palmares ainda vivesse  
em Palmares queria viver.

O gosto da liberdade  
sentido  
cravado  
no peito  
correr,  
sentir os campos  
ter  
a vida

Angola Janga  
terra  
de negros  
livres

Ali toda vida  
Toda raça  
Raiva  
vontade  
África  
África (tão subitamente roubada)  
Sonhos (tão subitamente assassinados)  
Liberdade (tão subitamente trocada pela escravidão)

## Memórias II

negro correndo livre  
colhendo, plantando por lá  
se Palmares ainda vivesse  
em Palmares queria ficar.

O ódio do feitor  
é pegajoso, fecundo  
ele pode emprenhar  
até as mentes mais estéreis  
com seu pênis de chicote.

Os feitores esparramam se gozo  
nas costas dos malungos  
Guinés  
Ardras  
Congos  
Agomés  
Minas  
Cafres  
e o sangue jorrou com tanta força  
que em Angola, fui Nagô,

irmão de Haussá  
Jeje, Tapa e Senty.  
O cheiro nauseante do esperma  
da tortura  
fez com que ficássemos juntos  
usando nosso ódio mais comum.

### Sonhos I

o rei de Portugal  
mandou ao meu povo matar  
se Palmares ainda vivesse  
em Palmares queria estar

Cumbe na Paraíba,  
Alagoas, Macaco e Subupira  
Mangueira, São Carlos,  
Portela na Avenida  
são quantos?

ontem morri  
em Andalaquituche,  
Tabocas,  
Amaro,  
Acotirene

Hoje no Juramento,  
Borel,  
Turano  
Salgueiro

morro subindo morro  
rolo ladeira cada dia  
com decidido ar de  
defunto novo  
quando desce a noite  
vejo em cada fundo de prato  
o reflexo da luz da vela  
e sonhos para devorar

### Sonhos II

te vejo meu povo feliz  
Teu sonho querendo sentir  
Se Palmares ainda vivesse  
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou  
se Domingos Jorge Velho  
e sua malta

Não houvessem tido tanta sorte?

já pensou naquele país da serra da Barriga?  
sei que talvez não,  
é difícil imaginar uma terra  
onde não fosse possível ver  
uma negra ter  
que mostrar a bunda  
abrir as coxas  
tirar das entranhas  
o pão de cada dia  
onde não fosse possível ver  
criancinhas  
de dez  
oito  
seis anos  
voltando às quatro da manhã  
depois de vender chicletes  
e o último resquício de dignidade  
nos cruzamentos da cidade.

Notícias

por menos que conte a história  
não te esqueço meu povo  
se Palmares não vive mais  
faremos Palmares de novo

Ontem um distinto senhor me disse:  
– Filho não pense nessas coisas  
(naturalmente mandei-o à merda)

Insônias

Saudades das Tuas noites  
fogueiras que eu não vivi  
Palmares, Estado Negro...  
(vivo pensando em ti)

Como não estar  
Na podridão do Manguê  
nas ratazanas da zona  
na multidão de bucetas infectas  
como não estar  
no barulho da britadeira  
Na comida azeda  
na marmitta fria  
como não estar  
na fome do meu filho  
Já nascido

com jeito de morte  
como não estar  
no lixo das madames  
no cheiro da gordura da pia  
nas bostas dos barões boiando na latrina  
como não estar  
no trem lotado  
no barraco caindo  
No camburão  
na porrada nos dentes  
no lodo do fundo de cada cela

Como,  
se tudo isso sou eu?

Quilombos  
meus sonhos  
sofro de uma insônia eterna  
de viver vocês

Vivo da certeza  
de renascê-los  
amanhã,

Se um distinto senhor vier me dizer  
para não pensar nessas coisa  
vou ter de matá-lo  
com um certo prazer.

Por menos que conte a história  
Não te esqueço meu povo  
Se Palmares não vive mais  
Faremos Palmares de novo.

*(Atabaques, p. 19-23)*